

“É IMPOSSÍVEL UM EU SEM UM NÓS” – DIÁLOGOS ENTRE FAMÍLIA E FENOMENOLOGIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Aline Chote Domingues da Silva¹

Mariana Cardoso Puchivailo²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar os artigos científicos em português e inglês que realizam diálogos sobre os temas Família e Fenomenologia. O interesse pelo tema partiu do grupo GIPSI (grupo de intervenção em primeiras crises do tipo psicóticas), que propõe um manejo humanizado tanto ao sujeito em sofrimento psíquico intenso quanto aos familiares deste. A fundamentação do grupo GIPSI é fenomenológica, assim surgiu o interesse em buscar artigos que articulem os temas Fenomenologia e Família. O método utilizado foi a revisão bibliográfica, realizada nas bases de dados Scielo, Pepsic, Lilacs e Base de dados da CAPES. Os trabalhos selecionados para a pesquisa foram o total de 27 artigos produzidos no período de 1997 a 2017, que apresentam em seu conteúdo os temas família e fenomenologia. Apresenta-se conceitos chave para auxiliar na compreensão das possíveis contribuições que a fenomenologia pode propor ao se debruçar sobre o fenômeno família. Os temas encontrados nos artigos envolviam os seguintes assuntos: saúde mental; crack, oncologia, cuidados profissionais entre outros. Conclui-se que é necessário mais produções científicas que articulem a compreensão sobre o fenômeno família pelo viés fenomenológico, pois o levantamento realizado apresentou dados pelos quais a família é estudada de forma secundária a partir dos temas propostos.

Palavras-chave: Fenomenologia. Família. GIPSI.

¹ Aluna do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2016-2017). *E-mail:* alinechote@outlook.com

² Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* mariana.puchivailo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu a partir do Grupo de Pesquisa de Estudos Fenomenológicos em Primeiras Crises do Tipo Psicóticas da FAE Centro Universitário. Esse grupo representa um braço do Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises do Tipo Psicóticas (GIPSI), da Universidade de Brasília, ampliado para Curitiba.

O grupo de estudos sobre Primeiras Crises do Tipo Psicóticas (GIPSI) surgiu em 2001 no Instituto de pesquisa da Universidade de Brasília (sede) pelo professor Dr. Ileno Izídio da Costa. O GIPSI tem como objetivo realizar manejo humanizado aos pacientes que vivenciam crises psíquicas desde os primeiros sinais demonstrados pelo indivíduo. Há o fornecimento de um tratamento que possibilite ao sujeito em crise instrumentos e recursos para que a psicose não se estabeleça de forma crônica, sendo que a compreensão e análise sobre os primeiros sinais demonstrados pelo sujeito em sofrimento, são essenciais para que haja tratamento adequado e possibilite ao paciente o início de um acompanhamento de seu caso de forma multiprofissional (MANO e COSTA 2013).

O direcionamento de atividades do GIPSI têm como objetivo o entendimento do sofrimento psíquico do sujeito, adesão da família para o apoio e tratamento do paciente em sofrimento, manifestando as possíveis dificuldades existentes de vínculos relacionais familiares. Segundo Palazzoli (1998), há no jogo familiar (jogos psicóticos/sujos) a demonstração de mentiras, manipulações, seduções, promessas, enganos e demais características que evidenciam os conflitos presentes na família. A participação do indivíduo no programa é realizada ao ser investigado se o caso em questão trata-se de um primeiro episódio do tipo psicótico ou primeira internação, onde o paciente apresente em seu quadro questões psicológicas profundas em relação ao afeto, emoções e relacionamentos, onde é necessário o amparo e comprometimento da família durante todo o processo de tratamento. A participação dos familiares torna-se essencial nesse contexto para auxiliar a compreensão o sobre o sujeito, suas demandas e vivências (MANO e COSTA, 2013).

Costa (2013) estudou famílias e pesquisou em sua tese de mestrado teorias que expusessem o indivíduo e sua forma de relacionamento familiar, apresentando e compreendendo, portanto, o estudo transgeracional em famílias que tinham em seu núcleo familiar algum membro diagnosticado com esquizofrenia (a presente abordagem refere-se ao trabalho ou investigação sobre a família, focando na história efetiva e relacional através de gerações). O autor compreendeu, por meio de sua pesquisa questões estruturais, emocionais e psicológicas a respeito da interação familiar e, como uma das consequências obtidas, trouxe a reflexão em que o paciente

esquizofrênico denuncia em suas ações a disfuncionalidade da interação familiar. Costa (2008) apresenta por meio de seu estudo com famílias, que esta pode ser compreendida pelo encontro dos eixos estruturantes, sendo estes reflexões voltadas ao inconsciente (diacrônico) e ao aqui e agora (sincrônico), promovendo de forma ampla a visão sobre a família e dinâmica desta.

Em relação ao manejo que é utilizado diante do sujeito que se encontra em crises psicóticas, o GIPSI utiliza a compreensão de Palazzoli (1998) que ao estudar famílias e a psicose, identificou que há nos relacionamentos familiares os jogos psicóticos, enumerando algumas etapas primordiais para compreensão do processo em questão, demonstrando conflitos que se fundam no relacionamento do casal, envolvendo conseqüentemente o filho neste relacionamento disfuncional, desencadeando de forma complexa a presença dos primeiros sinais de que o membro da família apresentara no futuro comprometimentos que envolvem um relacionamento familiar comprometido. Costa (2013) relata que há fundamentos de que a psicose e comportamentos provenientes desta possam estar ligados ao jogo familiar, afinal cada família estabelece um padrão de relacionamento relacional que é construído com a participação de todos os membros. “Portanto, o GIPSI se fundamenta nessa abordagem e intervém na família enquanto um sistema, tendo como premissa a possibilidade de transformar o seu modo de organização e funcionamento” (COSTA, 2013, p. 79), onde esse modelo base para atendimento, é adequado as diferentes compreensões do ser humano pelos profissionais perante sua formação e a forma como se capacitou para exercer suas atividades (e.g psicanalista, sistêmico, cognitivo-comportamental).

Ao estudar Primeiras Crises do Tipo Psicóticas (GIPSI) e fenômenos ligados a esse contexto, constatou-se a importância que a família exerce tanto para o tratamento quanto para a compreensão da vivência e estado do sujeito em sofrimento psíquico intenso. Para o GIPSI família é um grupo de pessoas que vivem juntas, prezando vínculos consanguíneos ou afiliativos, mantendo relações diretas ou indiretas, independentemente do número de pessoas, sexo ou idade que habitam a mesma casa, levando em consideração os aspectos biológicos, psicológicos e econômicos circunscritos à constituição familiar (COSTA, 2013).

Andolfi, Angelo, Menghi e Nicolo-Corigliano (1984) definem família como um sistema ativo e em constante transformação em que há um processo de continuidade e crescimento, que assegura de forma concomitante o desenvolvimento da família como unidade e a diferenciação dos membros constituintes desta. Conseqüentemente, a diferenciação ocorrida permite que o membro consiga obter independência de seus familiares conforme interage e conhece outras pessoas em diferentes núcleos familiares, compreendendo sua forma própria de agir. Dessa forma, segundo os autores

supracitados, há nesse ciclo o processo de triangulação, ou seja, a relação construída pelo núcleo familiar (e.g. pai, mãe e filho) que abrange questões emocionais biológicas e psíquicas, que irão influenciar nas trocas de experiências que serão vividas pelos membros da família quando fora do contexto familiar.

Com a multiplicidade de conceitos a definir o que se pode considerar como família, Costa (2013) retrata a complexidade do termo sobre a relação familiar ao ponderar que não há uma definição sobre família que possa abranger um único conceito, possível a ser disseminado sobre as variadas formas e manifestações de núcleos familiares, onde a família se encontra como um “fenômeno que exemplifica a complexidade”, envolvendo características de continuidade, construção de afetos, sentimentos de pertencimento a algo e de existência, proporcionando diferenciação do outro e sentido de intimidade.

Ao se trabalhar o tema família, cada ser humano terá uma vivência particular e bagagem únicas para relatar a respeito de sua história e a constituição familiar pela qual tem em sua origem. A família, portanto, se torna um dos primeiros contatos pelos quais o ser humano estabelece com o mundo desde o momento de seu nascimento, constituindo valores, crenças, relacionamentos afetivos e características particulares ligadas a experiência de vida, sendo um fator primordial para o desenvolvimento humano (SCHRANK e OLSCHOWSKY, 2007).

A definição de família segundo Andolfi, Angelo, Menghi e Nicolo-Corigliano (1984), refere-se a um sistema ativo e em constante transformação em que há um processo de continuidade e crescimento, que assegura de forma concomitante o desenvolvimento da família como unidade e a diferenciação dos membros constituintes desta. Conseqüentemente, a diferenciação ocorrida permite que o membro consiga obter independência de seus familiares conforme interage e conhece outras pessoas em diferentes núcleos familiares, compreendendo sua forma própria de agir. Dessa forma, segundo os autores supracitados, há nesse ciclo o processo de triangulação, ou seja, a relação construída pelo núcleo familiar (e.g. pai, mãe e filho) que abrange questões emocionais, biológicas e psíquicas, que irão influenciar nas trocas de experiências que serão vividas pelos membros da família quando fora do seu contexto familiar.

Costa (2013) retrata a família como uma configuração vincular íntima, existindo nesta a presença de pertencimento a algo, envolvendo nesse relacionamento escolhas, limites, regras, papéis e demais fatores que propiciem ao indivíduo uma forma única de se relacionar diante das demais relações sociais.

Schrank e Olschowky (2007) apresentam que o adoecer promove no ciclo familiar mudanças significativas que facilitam a desorganização das funções exercidas por cada membro da família, pois o adoecer é visto como um fator contribuinte a mudanças nos

vínculos familiares. Segundo os mesmos autores, quando há algum caso de doença mental, a transformação familiar amplia-se, pois, surge além da patologia, preconceito, revolta, vergonha, exclusão do paciente em sofrimento e demais sentimentos ligados ao fator saúde mental.

Portanto, o presente estudo tem como proposta apresentar os artigos científicos em português e inglês que realizam diálogos sobre os temas Família e Fenomenologia em busca de uma maior compreensão do tema família pelo viés da Fenomenologia, já que este é um dos principais fundamentos epistemológicos do grupo GISPI. A Fenomenologia tem sua importância histórica ao se tornar um fundamento para diversos movimentos filosóficos, teorias psicológicas e outras ciências (HOLANDA, 2014) até mesmo como fundamento para a própria reforma psiquiátrica brasileira (PUCHIVAILO, SILVA e HOLANDA, 2013), propondo uma nova maneira de se pensar o ser humano e o compreendendo em suas ações por meio da subjetivação (HOLANDA 2002; MACIEL 2003; RAMÓN 2006 *apud* ANDRADE 2010).

A Fenomenologia enquanto possibilidade de um fundamento epistemológico surge a partir das obras de Edmund Husserl, impactando a forma pela qual o pensamento filosófico ocorre a em relação ao homem que pensa sobre si e sobre o mundo, influenciando várias áreas da sociedade, como a Arte, Cultura, Estética Literatura e Ciência Contemporânea, surgindo neste meio, diversos autores que contribuíram para com essa visão de homem, pudesse ser divulgada em diversas áreas de estudo (e.g psicologia Psicopatologia, Psicoterapia e Psicanálise) entre eles: Eugene Fink, Nicolai Hartmann, Max Scheler, Edith Stein, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, entre outros (GIORGI e SOUSA, 2010).

Em relação ao conteúdo apresentado anteriormente, evidencia-se que a família é essencial para que o tratamento do sujeito possa ser efetivo. Com isso, foi necessário avaliar se há em nosso meio científico trabalhos que associem a postura e visão Fenomenológicas ao trabalho e manejo clínicos realizados com famílias. O GISPI realiza atendimentos familiares e sua fundamentação não se encontra apenas nas teorias sistêmicas ou psicanalistas sobre atendimento em família. Porém não há no grupo a descrição sistematizada dos atendimentos familiares em diálogo explícito e aprofundado com a fundamentação fenomenológica.

Por conseguinte, nesse contexto buscou-se realizar um rastreamento sobre os estudos que têm sido apresentados cientificamente que articulam o tema família e fenomenologia, levando a compreensão em meio científico do que se têm de produções no contexto atual que apresentem a família com respaldo teórico pela Fenomenologia.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentadas as formas de atuação profissional e acolhimento realizados pelo grupo GIPSI, questionou-se a possibilidade e os manejos possíveis de serem realizados diante de uma visão e ação fenomenológica, e a forma pela qual esta epistemologia pode acrescentar tanto cientificamente quanto profissionalmente conteúdos que auxiliem o sujeito diante de sua relação com o mundo e com o outro, seja em um contexto pelo qual haja sofrimento psíquico intenso ou não.

A Fenomenologia é retratada por Petrelli (2004 *apud* HOLANDA e ANDRADE, 2010) como ciência aplicada ao apreender significados sobre os fenômenos ligados aos objetos, eventos e fatos da realidade, compreendendo uma verdade que busca, em meio a dúvida, os fatos a serem estudados e analisados. Com isso, um dos objetivos da fenomenologia torna-se a pensar os fatos por meio de um olhar metodológico exigente em relação ao que é real, vivido, percebido e significado aliado ao fenômeno estudado (CAPPI 2004 *apud* HOLANDA e ANDRADE, 2010).

Merleau-Ponty (1992 *apud* HOLANDA e ANDRADE, 2010) propõe que a fenomenologia estuda a essência dos fatos, trazendo esta à existência, enfatizando a relação homem e mundo. Destaca-se que esse conhecimento oriundo das essências volta-se a compreensão das origens, daquilo que se entende a coisa mesma, a realidade, surgindo novas formas de apreensão do conhecimento e experiências (Husserl, 1965 *apud* HOLANDA e ANDRADE, 2010).

Consequentemente, a importância da Fenomenologia surge ao destacar-se como uma crítica a ciência, permitindo a apreensão da realidade, resgatando a subjetividade e colocando esta no contexto histórico e mundano (HOLANDA, 2014)

A vida natural caracteriza-se, agora como uma vida que, ingênua e diretamente, se entrega ao mundo, ao mundo que, enquanto horizonte universal, está sempre aí consciente de um certo modo, mas não tematicamente. Temático e aquilo para que estamos dirigidos. A vida desperta é sempre um estar dirigido para isto ou para aquilo, dirigido para isto enquanto fim ou meio, enquanto relevante ou irrelevante, para o interessante ou o indiferente, o privado ou o público, para o que é quotidianamente indispensável ou para algo irrompendo como novo. Tudo isso repousa no horizonte do mundo, mas são precisos motivos particulares para que quem está agarrado a uma tal vida mundana se converta, e por aí, chegue de algum modo a fazer dessa vida um tema e a ganhar por ela um interesse persistente (HUSSERL, 1936, p. 27).

Com isso, é permitido ao sujeito um se “re-colocar” em sua relação com o mundo, trazendo o foco à subjetividade e autonomia do ser humano (HOLANDA, 2014), pois o sujeito é “literalmente o que subsiste numa posição de certa passividade

e subordinação relativamente a todas as possíveis determinações ulteriores (FREITAS, 1990 *apud* HOLANDA 2014), onde traz à pessoa uma compreensão sobre sua forma de agir, pensar e ser diante de seu mundo.

Husserl (1913/1985 *apud* HOLANDA 2014), enfatiza que não se pode negar o mundo nem separar o sujeito deste, pois há nessa relação significados pelos quais estão inseridos na história do indivíduo, vida pessoal, vivencia, desejos, anseios e expectativas, propondo reflexões sobre a intersubjetividade do homem e sua atuação no mundo, se re-colocando neste. A intersubjetividade apresentada diz sobre a maneira em que o sujeito se relaciona com o outro, e de como se constitui o eu, de acordo com a fenomenologia há o retrato que o mundo é vivido por meio de partilhas com o outro, onde este apresenta suas experiências singulares (DRUMMOND, 2007 *apud* HOLANDA, 2014), logo o “mundo é um objeto intencional com referência a um sujeito pensante” (HOLANDA, 2014, p. 46)

Costa (2013), considera que um sujeito deve ser compreendido por todos os níveis de interação que este exerce no meio pelo qual pertence, seja amigos, relações de trabalho, vizinhos e pessoas ligadas a outros vínculos sociais. Pois há no meio do relacionar-se com o outro de forma estável e afetiva (podendo compreender nesse aspecto o mundo do sujeito), o desenvolvimento do bem-estar, mudanças, podendo proteger de doenças e acelerando processos de cura (SLUZKI, 1997 *apud* COSTA, 2013)

Um conceito importante a ser apresentado para se possibilitar a compreensão de família sobre o viés da Fenomenologia diz respeito ao fenômeno, que em sua raiz pode ser retratado como algo que pode vir a luz, e conseqüentemente representando a ação o vir-a-ser do sujeito em relação com seu mundo (HOLANDA, 2014).

A fenomenologia é um esforço, uma tentativa de clarificação da realidade. É uma abertura à experiência, à vivencia do mundo. É a busca do fenômeno, daquilo que surge por si só, daquilo que aparece, que se revela. Fenomenologia é ir as coisas-mesmas, descobri-las tais quais se apresentam aos meus sentidos, tais quais eu percebo, numa continua relação. Mas é um “ir em busca” aliado à minha própria experiência subjetiva concreta. É um olhar e ver, não apenas uma colocação diante de algo. É participação, envolvimento. Deste modo, a Fenomenologia torna-se um modo de existir, de se colocar no mundo, de fazer parte deste mundo. Neste contexto, temos o ser humano também como um fenômeno. O mais complexo (talvez), o mais completo também (HOLANDA, 2014, p. 47)

Apresenta-se a Fenomenologia como uma visão importantíssima e essencial para se trabalhar tanto o sujeito quanto as relações familiares deste, pois a epistemologia em questão abrange conceitos fundamentais para compreender o ser humano em suas relações mais complexas. Pois “o fenômeno não está em mim, mas diante de

mim e relacionando à minha consciência (neste sentido não pode ser simplesmente identificado como um “objeto”) [...] o fenômeno é a apresentação e algo para uma consciência, onde esta consciência sempre dirige-se a um movimento a consciência-de-alguma-coisa”. (HOLANDA, 2014, p. 48)

Contudo, uma das ações fundamentais da epistemologia e visão de homem em questão, se refere a atitude fenomenológica, que segundo Holanda (2014), é a uma mudança que viabiliza uma transformação, e conseqüentemente, possibilita o descobrimento do mundo do sujeito e fatos sobre este. Holanda (2014, p.66) apresenta a atitude em questão da seguinte forma:

A atitude fenomenológica requer uma outra operação: para se ter o mundo como fenômeno, devo me abster desses a priori que me acompanham, devo me colocar diante do mundo numa atitude ingênua, devo “suspender” minhas ideias, valores, conceito e julgamentos (que estão em mim, antes mesmo de me encontrar com esse mundo).

A consequência deste posicionamento do sujeito diante dos fatos e relacionamento com o mundo é denominado de redução fenomenológica, possibilitando compreender de forma efetiva o “ser-no-mundo”, possibilitando o acesso ao ser e ao fenômeno de forma pessoal, singular e única, proporcionando o entendimento sobre a especificidade na forma de agir, pensar e se relacionar do indivíduo diante de seu mundo.

Nessa perspectiva, Giorgi (1978) faz uma reflexão sobre o que é consciência para o pesquisador na tradição fenomenológica; ele indica, inicialmente, que a consciência deva ser considerada sempre associada, em geral, aos conceitos de intencionalidade, sentido e existência, e define o termo consciência indo além da relação cognitiva de sujeito e objeto, como uma relação existencial do sujeito com o seu mundo, sendo “existência” o modo pelo qual o sujeito se posiciona diante da vida. A exploração do campo de consciência e dos modos de relação com o objeto delimita o que se tornará o campo de análise da fenomenologia de Husserl (HOLANDA e ANDRADE, 2010, p. 262).

Portanto, ao propiciar análise e reflexões a partir da fenomenologia, um dos conceitos chave para se realizar tal compreensão refere-se à redução fenomenológica. Esta caracteriza-se por um recurso necessário para identificar a essência do fenômeno, ou seja, há uma transformação da atitude natural para fenomenológica diante do objeto de estudo. Desta forma, aquele que utiliza esse recurso posiciona-se de forma a descobrir e aprofundar reflexões que não neguem a existência do estudo a ser entendido (MERLEAU-PONTY, 1973 apud HOLANDA e ANDRADE, 2010). Husserl (2000 *apud* HOLANDA e ANDRADE, 2010) enfatiza que a redução fenomenológica propicia conhecimento a respeito das essências que constituem a realidade. Portanto, a

redução fenomenológica torna-se fundamental para realizar reflexões, compreensões e posicionamentos diante dos fatos a serem estudados, pois ao identificar o fenômeno há necessidade de que haja essência e um posicionamento do pesquisador diante do objeto de estudo para adquirir conhecimento e compreender o que for necessário.

Todos os conceitos apresentados até o momento são necessários para que se consiga captar o quanto uma visão fenomenológica pode contribuir para nosso meio social, profissional, pessoal e principalmente, assimilar conteúdos que envolvem nossos relacionamentos interpessoais dentro e fora de nosso lar. Com o propósito de apresentar uma atitude fenomenológica diante da atuação clínica em Psicologia e outros contextos, Holanda (2014) apresenta que ao se pensar uma possível prática clínica, considera-se o conjunto de ações que possibilitem a compreensão do fenômeno humano, pensando em sua subjetivação e relacionamentos.

O campo de atuação com o sujeito diante de uma prática clínica, segundo o autor supracitado, diz respeito a uma experiência de algo que é vivenciado, que interage e compartilha emoções e vivências singulares, sempre mantendo uma postura compreensiva para que se possa acompanhar o processo do outro e não interferir neste, tendo uma escuta ativa esperando que o fenômeno a ser entendido surja diante do relacionamento com o outro.

Conseqüentemente, o terapeuta/profissional/pesquisador, apresenta-se aberto para identificar o que o sujeito necessita demonstrar como essencial diante das peculiaridades de seu relacionamento com o mundo, onde a responsabilidade do terapeuta surge ao prontificar-se em entender e auxiliar a demanda apresentada do outro (responsabilidade) (HOLANDA, 2014). Segundo Holanda (2014, p.97), em relação a postura profissional na clínica, apresenta-se:

Um dos sentidos primordiais de uma “atitude fenomenológica” na clínica consiste, pois, na consideração do outro como um sujeito – ativo e concreto – contrariamente à concepção naturalista que transforma este sujeito num “objeto”, como um “doente” a ser “tratado”, e não como uma pessoa [...] Fazer fenomenologia na clínica é valorizar o encontro, o “estar-junto” no presente [...].

Portanto, obter uma postura e estudos através do olhar fenomenológico, requer um constante movimento para se compreender o sujeito, seu modo de viver e sua relação com o outro/mundo. Manganaro (2016) retrata o conceito de empatia sob o viés de Edith Stein, apresentando que o termo em questão envolve o “sentir por dentro”, estabelecendo na relação com o outro o vínculo por meio de comportamentos verbais (expressão de sentimentos e emoções) e não verbais (gestos, posturas, comportamentos), acolhendo o que se passa dentro do sujeito por meio de suas

expressões externas, sendo um recurso importantíssimo para ser utilizado ao estudar o sujeito em suas várias formas de relações interpessoais, incluindo neste caso, o entendimento sobre o sujeito e sua constituição familiar.

Com isso, expõe-se o quanto estudos sobre família são importantes para que haja uma melhor compreensão do sujeito e sua relação com o mundo por meio do olhar Fenomenológico. Minuchin (1982), por mais que tenha realizado seus estudos através da teoria sistêmica, retrata o terapeuta como aquela pessoa que pode ser associado a um anfitrião, propondo a família durante o processo terapêutico que possa sentir-se a vontade, prestando atenção a tudo que é dito e explícito por meio verbal e comportamental, acerca da queixa da família.

Costa (2013), apresenta que a disfuncionalidade de uma pessoa ou em relações interpessoais, requer um olhar voltado a dificuldade existe para que se possa obter saúde. Pois segundo o autor citado anteriormente, se é necessário expor de forma crítica e sistemática, o que já se apresenta em meio científico quanto as diferentes teorias sobre família e, conseqüentemente, esquizofrenia. O autor em questão apresenta esse argumento, diante de seu estudo transgeracional sobre família e esquizofrenia, em que apresentou formas diferentes de se compreender o sujeito em sofrimento psíquico grave e suas relações familiares, enfatizando “sem dúvida alguma que, em função do nosso processo cultural e de nosso desenvolvimento, nossas características interacionais são singulares e merecem atenção específica” (COSTA, 2013).

Contudo, Costa (2013) apresenta uma reflexão acerca da complexidade do tema família e esquizofrenia, demonstrando a necessidade em realizar mais pesquisas diante do fato que quando se trabalha com o sujeito em sofrimento psíquico intenso, é necessário que os estudos envolvam os relacionamentos que vão além do sujeito, ou seja, compreender a família, história de vida do sujeito, relações interpessoais e condições psicossociais, onde o autor citado, identificou por meio de seu estudo de mestrado ao estudar famílias, que estas geralmente escondem sua capacidade saudável de mudança, que pode ser transformada por meio de terapia, propondo portanto, que as famílias não devem ser determinadas como patológicas, diante do contexto de se ter um de seus membros em crise psíquica intensa.

Diante dos fatores expostos anteriormente, enfatiza-se que a postura e ação fenomenológica diante do contexto família, sofrimento psíquico intenso e demais contextos a serem trabalhados em núcleos familiares, podem propor novas formas de atuação profissionais e contribuições sobre manejos a serem estabelecidos diante da demanda do sujeito e sua relação com o mundo.

2 METODOLOGIA

O método utilizado para esta pesquisa foi a Revisão de Literatura. Para realizar a presente pesquisa, verificou-se a temática Fenomenologia e Família. Foram utilizadas as bases de dados Scielo, pepsic, LILACS e Base de dados da CAPES, no período de fevereiro a maio de 2017. Os strings de busca utilizados foram: Fenomenologia e Família; Humanismo e Família; Existencialismo e Família; Fenomenologia e Relações Familiares; Fenomenologia e Relacionamentos; empregando os termos em inglês Phenomenology and Family para ampliar a exploração dos dados a serem averiguados.

Para realizar o levantamento dos artigos, foi selecionado no string de buscas somente a parte em que as palavras-chave estivessem presentes no 'título' do trabalho científico, considerando o período de publicação do ano de 1997 à 2017. Efetuado o levantamento dos trabalhos científicos, o procedimento posterior acerca da pesquisa levou a leitura e avaliação dos materiais por meio dos resumos, excluindo as produções científicas que não correspondiam aos critérios previamente estabelecidos

3 RESULTADOS

Foram encontrados 81 trabalhos a partir dos strings de busca utilizados e apresentados anteriormente. Do total de trabalhos, 54 artigos foram excluídos, pois, 19 trabalhos apareceram repetidos/duplicados nas bases de dados pesquisadas, e o restante, 35 trabalhos científicos, não se enquadraram nos pré-requisitos estipulados pela pesquisa, ou seja, surgiram artigos que envolveram um dos termos de pesquisa, seja fenomenologia ou família, associada a outra área profissional que não contempla os pré-requisitos para inclusão no presente trabalho, por exemplo, áreas de ensino de matemática e geografia; além de surgir trabalhos em outras línguas em que não foram possíveis de serem averiguadas para observar alguma relação entre Fenomenologia e Família. Dessa forma, os resultados e discussões firmam-se na análise de 27 artigos científicos incluídos por meio da busca realizada.

O ano que apontou maior número de publicações foi 2015 (14,8%), seguido dos anos de 2016, 2013, 2011 e 2009 (com 11,1% de trabalhos publicados); 2010, 2005, 2004 (7,4 % cada) e 2012, 2008, 2006, 2001, 1997 (3,7% cada). Em relação às áreas de estudos de pesquisa, Psicologia representa a maior parte das produções (40,7%), seguida pela Enfermagem (33,3%), Medicina (14,8%) e demais áreas do conhecimento (11,1%).

Em relação aos temas aliados aos descritores fenomenologia e família, obteve-se trabalhos que apresentaram conteúdos sobre saúde mental (18, 5%); experiências

familiares com membros que utilizam crack (3,7 %); estudos envolvendo familiares e oncologia (7,4 %); trabalhos que apresentaram a prática profissional de profissionais da saúde e atendimento a familiares neste contexto (22,2 %); compreensão sobre como a família encara a morte e o processo do luto (7,4%); estudos que envolveram a infância e relacionamentos familiares (11,1%); artigos que envolveram aspectos sociais de construção familiar e fundamentos teóricos sobre esta temática (22,2 %) e temas que incluíram a questão de famílias e o cuidado ao idoso (3,7 %).

Em relação a Fenomenologia, esta se apresentou de formas diferenciadas. Um dos artigos utilizada o conceito de atitude fenomenológica através Edith Stein para auxiliar em reflexões na área da saúde mental bem como entendimento sobre o sujeito, obtendo um olhar diferenciado para a realidade deste (SILVA e CARDOSO, 2013). Cavalheri (2010) utilizou a fenomenologia social em seu estudo de forma a averiguar no contexto de saúde mental a compreensão do fenômeno cuidar em meio a sociedade enfatizando aspectos subjetivos e objetivos do sujeito, por meio da teoria de Alfred Schultz. Para Reis e Moreira (2013) a fenomenologia da experiência de Merleau-Ponty é aplicada a um estudo de caso pelo qual se tem como objetivo compreender a vivencia de familiares em que um de seus membros utiliza crack. Heidegger e sua filosofia são aplicados a uma pesquisa em que se pretendeu compreender mães de crianças com diagnóstico de câncer em situações que envolvem a família, vida pessoal e social (CASTRO, 2010).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir do levantamento realizado na presente pesquisa, percebeu-se que as produções mapeadas para se obter informações sobre as possíveis correlações entre fenomenologia e família foram correspondidas em partes. Os trabalhos mapeados apresentam estudos que não enfatizam uma abordagem terapêutica fundamentada pela fenomenologia ou intervenção familiar pelo viés fenomenológico, nem realizam uma fenomenologia da família. O que se conseguiu estabelecer nos presentes estudos foram a cooperação sobre como os autores renomados da fenomenologia (Merleau-Ponty, Alfred Schultz, Heidegger, Edith Stein, Husserl) contribuem para que se possa estudar fenômenos aliados ao contexto familiar. Mas não propõe discutir intervenções e olhares específicos ao fenômeno família através da fenomenologia. Segue abaixo alguns resultados encontrados nessas pesquisas.

Moraes e Morato (2011) demonstraram em seu estudo uma análise sobre a família a partir de uma vivência em uma comunidade em Florença (Itália) com questões sociais precárias, como falta de recursos e população de baixa renda, objetivando a

compreensão de família na pós-modernidade. Pereira e Cardoso (2005) realizaram uma revisão de literatura a respeito da prematuridade (nascimento da criança prematura) e os impactos desse acontecimento na família. Martins (2015) apresenta em seu trabalho a forma pela qual articula a fenomenologia e ciências da saúde propondo reflexões sobre a fenomenalidade da afeição por meio dos saberes filosóficos-científicos. Cavalheri (2010) proporciona um estudo sobre a forma que as mudanças no modelo de atendimentos a familiares e assistência destes impactou a dinâmica desses em um CAPS. Monteiro e Barroso (2005) estudaram crianças que demonstravam em ambiente escolar suas dinâmicas familiares conflituosas, tendo como base em seus estudos a fenomenologia social.

Os trabalhos que apresentaram maior afinidade ao objetivo do presente trabalho referem-se aos estudos de Almeida e Romagnoli (2016) que objetivaram fazer uma análise sobre o fenômeno da identificação e herança familiar em Edith Stein, associando nesta temática fenômenos psíquicos e socioculturais. Silva e Cardoso (2013) apresentaram uma compreensão de Edith Stein sobre fenomenologia, psicologia e práticas estabelecidas no NASF (núcleo de apoio à saúde da família). Knapp (2015) apresenta em seu estudo a compreensão sobre a forma de como a relação familiar e relacionamentos sociais predizem uma ética que reflete cada um dos membros constituintes da família, o autor afirma ser necessário mais estudos sobre esse fenômeno.

Os estudos apresentados anteriormente refletem as produções científicas levantadas no presente trabalho que ainda apresentam a fenomenologia e família de forma a serem estudadas como um recorte em meio aos temas que são presentes em meio social, sem necessariamente enfatizar a família como um fenômeno a ser estudado e compreender o sujeito em suas relações familiares como um fenômeno a ser priorizado e enfatizado em produções científicas.

Verifica-se uma falta de produções científicas que apresentassem articulação entre família e fenomenologia. Existem alguns poucos trabalhos, mencionados acima, que abordam aspectos da fenomenologia em discussões das mais diversas (saúde mental, oncologia, uso de drogas), nas quais o tema família perpassa, com mais ou menos centralidade. Porém artigos sobre fenomenologia da família ou atuação clínica com família de fundamentação fenomenológica não foram encontrados.

Portanto, os trabalhos demonstrados acima, retirados a partir do levantamento realizado evidenciam a necessidade em se obter mais estudos que associem e apresentem através de uma construção fenomenológica, o fenômeno família e a importância desta na vida do sujeito e em sua relação com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há possibilidades de articulações entre Fenomenologia e Família. A Fenomenologia tem muito a contribuir para o estudo desse fenômeno humano tão relevante, especialmente ao se abordar a saúde mental ou o cuidado às primeiras crises do tipo psicóticas. Este estudo contribui para uma reflexão a respeito dos trabalhos científicos produzidos até o momento de finalização da pesquisa, de forma a rastrear os estudos que pudessem articular família e fenomenologia, possibilitando aos pesquisadores, profissionais e estudantes um recorte sobre a forma de se trabalhar e vincular o pensamento fenomenológico ao tema família. Os trabalhos científicos adicionados ao levantamento deste trabalho apresentam estudos de caso que objetivaram demonstrar o conhecimento de casos singulares, sem abranger o conhecimento da fenomenologia sobre a família como um todo.

A tentativa de retratar a concepção da fenomenologia sobre a família, diz respeito a compreender a relação do sujeito com seu mundo e identificar desde os primórdios de seu nascimento e início de convivência com o outro, características que ampliem a visão sobre o sujeito, seu mundo e relacionamentos interpessoais de forma específica. Com isso, reitera-se a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a família e o sujeito pelo viés da Fenomenologia, sem ter somente produções que levem a compreensão do fenômeno família através e somente de um tema em comum, recortando a forma de entendimento de relações e vivências daquela.

Estudar a família sobre o viés da Fenomenologia, utilizando as ideias de Sartre (1905/1980), é olhar uma folha em branco, colocada sobre a mesa e perceber suas características, como a forma, cor e posição, onde as diferentes qualidades levam a aspectos comuns propondo ao olhar do sujeito existências a serem constatadas. Possibilitando a identificação das características essenciais do ser humano (por parte do pesquisador/terapeuta), estudando aquilo que diz respeito a vivência única, particular e singular do sujeito com seu mundo, o percebendo em seu vínculo mais profundo e primordial, que diz respeito a sua família ou vínculos com pessoas que representam esta.

Consequentemente, o GIPSI tem fundamental importância ao promover como recurso essencial a participação de familiares perante a situação do membro em crise psicótica, e a partir deste modelo, foi possível promover discussões sobre as formas como a fenomenologia pode contribuir a essa visão mais ampliada de tratamento. Buscou-se apresentar alguns conceitos fundamentais da Fenomenologia com o intuito em promover uma reflexão sobre essas definições que englobam tanto o sujeito quanto suas relações familiares (mundo).

O “Diálogo Aberto” é outro modelo de atenção às primeiras crise psicóticas, que

não apareceu nas buscas nas bases de dados, mas que nos auxilia nessa compreensão de manejos clínicos que levem em conta a família em um modelo mais compreensivo. O “Open Dialogue” (diálogo aberto) foi fundado e realizado na Finlândia no início da década de 1980. Kantorski e Cardano (2017), apresentam que o método em questão foi formado por Seikkula e equipe, na Finlândia com o objetivo de estabelecer uma nova forma para enfrentar a crise psicótica, onde propõe uma forma diferente de atuação profissional, contribuindo para a desinstitucionalização do país em questão.

Seikkula, Alakare e Aaltonen (2001) citado por Kantorski e Cardano (2017), apresentam que o Open Dialogue possui alguns princípios, pois estes envolvem a ajuda imediata (equipe a disposição do sujeito em crise desde o primeiro atendimento, que ocorre no máximo um dia após o contato inicial do paciente), priorizando que o atendimento ocorra no domicílio da pessoa que necessitou de atendimento; outro meio utilizado no grupo se refere a inclusão das redes sociais do paciente, buscando por meio da família, amigos e demais relacionamentos interpessoais participação desses nas reuniões e decisões a serem estabelecidas. Há também, a flexibilidade necessária para que se consiga adaptar e trabalhar as especificidades do sujeito perante seu tratamento e demandas, pois algo fundamental a ser enfatizado neste contexto se refere a responsabilidade do profissional que atende inicialmente o paciente e acompanha este durante seu processo. Um fator fundamental no grupo diz respeito ao acompanhamento psicológico em todo o tratamento e o diálogo que ocorre entre as pessoas durante as reuniões, priorizando e dando voz a cada participante, construindo em conjunto possibilidades e caminhos a serem trilhados durante o tratamento do paciente. (SEIKKULA et al. 2003; SEIKKULA et al. 2006; AALTONEN, SEIKKULA, LEHTINEN 2011; ALAKARE e AALTONEN, 2011; THOMAS, 2011 *apud* KANTORSKI e CARDANO, 2017).

Seikkula (2003), Borg et al (2009) Arnkil e Seikkula (2012 *apud* Kantorski e Cardano, 2017) apresentam a filosofia do grupo, demonstrando que:

A filosofia do Diálogo Aberto é o desenvolvimento de relações entre as pessoas que estão enfrentando problemas, a família e a rede social envolvida e a oferta de apoio à pessoa em casa, em vez de instituições ou locais de reabilitação. São mais valorizadas as habilidades dos envolvidos de gerar diálogos em reuniões conjuntas, mantendo a comunicação aberta entre as partes, respeitando as vozes de todos os participantes, a paciência de ouvir e de não tomar decisões precipitadas, a capacidade de constantemente enfatizar a situação familiar e as questões da vida cotidiana.

Portanto, tudo o que se decide a partir da metodologia em questão envolve de forma primordial, a troca de emoções no momento da reunião entre a equipe, paciente e sua rede de apoio (familiares, amigos, etc), onde o profissional conduz as discussões de forma a possibilitar uma troca efetiva por meio de perguntas abertas

através do problema chave do paciente e conteúdos que envolvam o quadro deste, e a finalização da reunião realizada propicia um feedback, expresso pelo profissional que conduz o grupo, sobre o que foi trabalhado em conjunto, além de enfatizar as decisões estabelecidas por todos aqueles que participaram do diálogo (SEIKKULA e TRIMBLE, 2005 apud KANTORSKI e CARDANO, 2017).

Olson, Seikkula e Ziedonis (2014) citado por Kantorski e Cardano (2017), apresentam que as condutas postas para se realizar as reuniões do diálogo aberto são necessário dois ou mais terapeutas no grupo (médicos, enfermeiros, terapeutas, etc), sendo primordial a participação da família e redes sociais juntamente com o paciente, acolhendo e propondo escuta ativa ao que este relata, utilizando perguntas abertas para todos aqueles que participam do dialogo priorizando atenção aos comportamentos e significados a partir do que e demonstrado pelo paciente e sua família, enfatizando a história do cliente ao invés de seu sintoma.

Portanto, ao apresentar o modelo de intervenção Dialogo Aberto finlandês, evidencia-se um modelo interessante a ser analisado e aplicado em outros contextos culturais e sociais, averiguando cientificamente os benefícios que esse modelo de intervenção pode prover tanto aqueles com psicose tanto a outros contextos que relacionem o sujeito e sua relação com o mundo.

Buscou-se por meio deste trabalho apresentar os artigos disponíveis em inglês e português, nas bases de dados supracitadas, que mencionam temas da fenomenologia e família. Também se apresentaram algumas possibilidades como a fenomenologia pode vir a contribuir a temática família.

Tentou-se enfatizar a importância da adesão familiar quando ocorre o adoecimento de um de seus membros (CHAVES e CABRAL, 2005), e alguns exemplos de formas de manejo de terapias familiares nacionais (COSTA, 2013) e internacionais (KANTORSKI e CARDANO, 2017) que possibilitam um trabalho humanizado possível a ser compreendido e aliado aos princípios e construções teóricas da Fenomenologia.

Encontrou-se trabalhos que apresentam estudos de caso (BARBOSA e MELCHIORI, 2011) ou conhecimento sobre o individuo em contextos sociais precários (CARDOSO, FÉRES-CARNEIRO e GIOVANETTI, 2009). Mas não há ênfase no fenômeno do relacionamento familiar e a forma pela qual os profissionais podem instrumentalizar-se e se preparar para atender pessoas a partir de um posicionamento Fenomenológico.

Os poucos trabalhos encontrados abordam aspectos da fenomenologia, nas quais o tema família perpassa, com mais ou menos centralidade, porém não se encontrou

artigos sobre fenomenologia da família ou atuação clínica com família de fundamentação fenomenológica. Ressalta-se a importância em se continuar estudos e pesquisas que articulem Fenomenologia e Família.

Portanto a ideia inicial de se tratar ser “impossível um eu sem um nós”, frase retirada da obra de Manganaro (2016, p.16) ao apresentar a reflexão de Edith Stein de que a identidade pessoal é relacional, corrobora-se esta ideia ao propor que haja estudos que identifiquem o sujeito em seus vínculos familiares, incluindo todos os fenômenos a serem presentes neste contexto a ser decifrado pelo viés da Fenomenologia, pois a partir do momento pelo qual a identidade do ser humano é constituída e influenciada por meio de seus relacionamentos, logo, a forma como esse relacionamento é formado deve ser analisado e compreendido de forma minuciosa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eunides; ROMAGNOLI, Roberta C. O processo de identificação e repetição com os modelos intrafamiliares e socioculturais e o ato criativo na perspectiva de Edith Stein. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 8, n. 1, p. 91-109, jul. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2017

ANDOLFI, M. et al. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 fev. 2017

BARBOSA, C. G.; NEME, C. M. B.; MELCHIORI, L. E. A família e o indivíduo no curso vital: compreensão trigeracional sobre a morte e o morrer. **Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 967-1011, set. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011001300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 maio 2017

BARROSO, M. G. T.; MONTEIRO, A. R. Família, criança-problema e saúde mental: estudo à luz da fenomenologia sociológica. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 15-22, dez. 2005. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?Isciscript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=550209&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 maio 2017

CABRAL, R. R. F.; CHAVES, A. C. Conhecimento sobre a doença e expectativas do tratamento em familiares de pacientes no primeiro episódio psicótico: um estudo transversal. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 32-38, abr.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 fev. 2017.

CARDOSO, C. L.; FERES-CARNEIRO, T.; GIOVANETTI, J. P. Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família em uma comunidade popular. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 780-795, dez.2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2017

CARNEIRO, T. F. Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 38-42, set. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931996000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2017.

CASTRO, E. H. B. de. A experiência do câncer infantil: repercussões familiares, pessoais e sociais. **Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 971-994, set. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: maio 2017

CAVALHERI, S. C. Transformações do modelo assistencial em saúde mental e seu impacto na família. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online], Brasília, v. 63, n. 1, p. 51-57, fev. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n1/v63n1a09.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.

COSTA, I. I. da. Adolescência e primeira crise psicótica: problematizando a continuidade entre o sofrimento normal e o psíquico grave. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2., 2006, São Paulo. **Anais da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con_adolescencia_e_primeira_crise_psicotica.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. **Família e esquizofrenia: um estudo transgeracional**. Brasília, 2013.

_____. (Org.). **Intervenção precoce e crise psíquica grave: fenomenologia do sofrimento psíquico**. Curitiba: Jorua, 2013.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método fenomenológico de pesquisa em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Jorua, 2014.

HUSSERL, E. (1936). **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Lisboa: Lusofia.net, 2006.

KANTORSKI, L. P.; CARDANO, M. Diálogo Aberto: a experiência finlandesa e suas contribuições. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 23-32, mar. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2017.

KNAPP, S. J. The ethical phenomenology of emmanuel levinas: drawing on phenomenology to explore the central features of family life. **Journal Family Theory and Review**, v. 7, n. 3, p. 225-241, set. 2015. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jftr.12091/abstract>>. Acesso em: 27 maio 2017

MANGANARO, P. **Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2016.

MARTINS, F. Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida. **Psicologia USP**, São Paulo, v.26, n.3, p. 364-370, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/109967>>. Acesso em: 27 maio 2017.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MONTEIRO, V. B. M; SANTOS, J. Q. dos; MARTIN, D. Patients' relatives delayed help seeking after a first psychotic episode. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 104-110, jun.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 fev. 2017.

MORAES, T. F. de; MORATO, H. T. P. A mobilidade da família: Pesquisa em uma abordagem da Psicossociologia clínica. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 134, p. 79-92, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio 2017

PALAZZOLI, M. S. et al. **Os jogos psicóticos na família**. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, S. M. P.; CARDOSO, M. H. C. de A. A metodologia utilizada em estudos que envolvem ecos da prematuridade na história da família. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 74-83, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19773/21840>>. Acesso em 22 mai. 2017.

PUCHIVAILO, M. C.; SILVA, G. B. da; HOLANDA, A. F. A reforma na saúde mental no brasil e suas vinculações com o pensamento fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica** [online], Goiânia, v. 19, n. 2, p. 230-239, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200011>. Acesso em: 12 jun. 2017.

REIS, H. F. T.; MOREIRA, T. O. O crack no contexto familiar: uma abordagem fenomenológica. **Texto & Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 1115-1123, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000400030&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 maio 2017.

SARTRE, J.-P. (1905-1980). **A imaginação**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

SCHRANK, G.; OLSCHOWKY, A. O Centro de ação psicossocial e as estratégias de inserção da família. **Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 127-134, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n1/17.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017

SILVA, N. H. L. P. da; CARDOSO, C. L. Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos núcleos de apoio à saúde da família (NASF). **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 246-259, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2017.